



CENTRO UNIVERSITÁRIO-UNIFG
ARQUITETURA E URBANISMO

CAIO JORDAN CARVALHO TEIXEIRA

REQUALIFICAÇÃO DA LAGOA DE JOÃO AMARAL EM GUANAMBI – BA

Guanambi-BA

2023

CAIO JORDAN CARVALHO TEIXEIRA

REQUALIFICAÇÃO DA LAGOA DE JOÃO AMARAL EM GUANAMBI – BA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação de Arquitetura e Urbanismo de Instituição de Ensino Superior Centro Universitário UNIFG da Ânima Educação, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel.

Orientador: Renato Ledo

Guanambi - BA

2023

RESUMO

A degradação de áreas verdes não é incomum na atualidade, afetando grandes e médias cidades. Esses locais são frequentemente substituídos por outros espaços, que oferecem opções mais atrativas. Este projeto tem o intuito de requalificação da lagoa de João Amaral, para a cidade de Guanambi-BA. A escolha do tema foi ao devido estado de abandono que a área se encontra, visto que o local é de grande importância para a comunidade. Para atender a esse problema, foi identificado o estágio de descaso da área, análise das peculiaridades do terreno e reconhecimento das necessidades e expectativas dos usuários. O objetivo é elaborar um projeto de requalificação da área da lagoa, propondo uma diversidade de usos. Para elaboração da proposta foi realizada por meio de pesquisas bibliográficas, pesquisa documental, construindo um embasamento teórico e projetual a respeito do tema. Conclui-se que a vulnerabilidade ambiental, degradação e abandono da Lagoa de João Amaral, são perceptíveis e ocasionam a extrema necessidade de desenvolvimento de ações práticas para a proteção da área.

Palavras-chave: Lagoa de João Amaral. Requalificação. Ações práticas.

ABSTRACT

The degradation of green areas is not uncommon today, affecting large and medium-sized cities. These locations are often replaced by other spaces, which offer more attractive options. This project aims to requalify the João Amaral lagoon, for the city of Guanambi-BA. The choice of theme was due to the state of abandonment that the area is in, since the place is of great importance for the community. To address this problem, the stage of neglect of the area was identified, analysis of the terrain's peculiarities and recognition of the needs and expectations of users. The objective is to elaborate a project for the rehabilitation of the lagoon area, proposing a diversity of uses. For the elaboration of the proposal, it was carried out through bibliographical research, documental research, building a theoretical and projectual basis on the subject. It is concluded that the environmental vulnerability, degradation and abandonment of Lagoa de João Amaral are noticeable and cause the extreme need to develop practical actions to protect the area.

Keywords: João Amaral Lagoon. Requalification. Practical actions.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Bos Park, Amsterdam, Holanda, 1934.....	14
Figura 2: Parque Parc Citroën, Paris, França, 1992.	15
Figura 3: Hight Line, Nova Iorque, EUA, 2009.....	16
Figura 4: Espaço Público, Parque Tychy, Polônia.	17
Figura 5: Espaço público, Parque Shenzhen, China.....	18
Figura 6: Parque Dubai, Emirados Árabes Unidos.	20
Figura 7: Parque Baotou, China.	21
Figura 8: Localização do terreno.....	23
Figura 9: Área e dimensão do terreno.	25
Figura 10: Topografia do terreno.	26
Figura 11: Mapa Esquemático.....	27
Figura 12: Entorno.	28
Figura 13: Mapa – Mobiliários urbanos.....	29
Figura 14: Praça Ormezinda Alves Silveira (1).	30
Figura 15: Praça Ormezinda Alves Silveira (2).	30
Figura 16: Praça Ormezinda Alves Silveira (3).	31
Figura 17: Praça Ormezinda Alves Silveira (4).	31
Figura 18: Mapa – Vegetação existente.	32
Figura 19: Vegetação – arredores (1).....	33
Figura 20: Vegetação – arredores (2).....	34
Figura 21: Vegetação – arredores (3).....	34
Figura 22: Uso e ocupação do solo.	35
Figura 23: Gabarito de altura.	36
Figura 24: Sistema viário.	37
Figura 25: Lagoa de Tabapuã.....	39
Figura 26: Parque Urbano de Barigui.	41
Figura 27: Parque urbano da Orla do Guaíba.....	43
Figura 28: Programa de necessidades.	48
Figura 29: Croqui.	50
Figura 30: Fluxograma.	51
Figura 31: Projeto- Visão aérea.....	53
Figura 32: Projeto- Paisagismo (1).	54
Figura 33: Projeto- Paisagismo (2).	54

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Área de Alimentação (serviço).	49
Quadro 2: Área de alimentação (uso misto).....	49
Quadro 3: Quadro de áreas.	52

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 JUSTIFICATIVA	9
4 METODOLOGIA.....	11
5 REFERENCIAL TEÓRICO	12
5.1 PERSPECTIVA HISTÓRICA DOS PARQUES URBANOS	13
5.2 DEGRADAÇÃO E REVITALIZAÇÃO	16
5.3 PARQUES, LAGOS E INCLUSÃO PAISAGÍSTICA	18
6 ESTUDO DA ÁREA.....	23
6.1 SELEÇÃO DO TERRENO	23
6.2 ÁREA E DIMENSÕES DO TERRENO	25
6.3 TOPOGRAFIA	26
6.4 MAPA ESQUEMÁTICO	27
6.5 ENTORNO	28
6.6 MOBILIÁRIOS URBANOS	29
6.7 VEGETAÇÃO EXISTENTE	32
6.8 USO E OCUPAÇÃO DO SOLO	35
6.9 GABARITO DE ALTURA	36
6.10 SISTEMA VIÁRIO	37
6.11 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
7 ESTUDO DE CASOS.....	39
7.1 LAGOA DE TABAPUÃ	39
7.1.1 Ficha Técnica	39
7.1.2 Conceito Utilizado	39
7.1.3 Relação da obra com seu entorno	40
7.1.4 Relação Volumétricas/ Materiais Utilizados e Soluções Arquitetônicas.....	40
7.1.5 Pontos de Inspiração	41
7.2 PARQUE URBANO DE BARIGUI.....	41
7.2.1 Ficha Técnica	41
7.2.2 Estudo de Caso e Projeto de Referências	41
7.2.3 Relação da obra com seu entorno	42
7.2.4 Paisagem.....	42
7.2.5 Mobilidade Urbana	42

7.3 PARQUE URBANO DA ORLA DO GUAÍBA.....	43
7.3.1 Ficha Técnica	43
7.3.2 Conceito Arquitetônico	43
7.3.3 Relação da obra com seu entorno	44
7.3.4 Análise dos Fluxos, Análise da Setorização – Programa de Necessidades.....	44
7.3.5 Relação Volumétricas, Materiais Utilizados e Soluções Arquitetônicas	45
7.3.6 Características Observadas	45
8 ESTUDOS INICIAIS	46
8.1 CONCEITO E PARTIDO DO PROJETO.....	46
8.2 PROGRAMA DE NECESSIDADES	47
8.2.1 Conservação ambiental.....	47
8.2.2 Segurança dos frequentadores	47
8.2.3 Promoção de atividades de lazer e turismo sustentável.....	47
8.5 ESTUDOS PERCEPTIVOS INICIAIS	49
8.6 FLUXOGRAMA	51
8.7 ESTUDOS INICIAIS DE VOLUMETRIA E MASSA	52
8.8 VOLUMETRIA E MATERIALIDADE	52
9 SISTEMA CONSTRUTIVOS	52
9.1 MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO	52
9.2 QUADRO DE ÁREAS	52
9.3 PAISAGISMO	53
10 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
REFERÊNCIAS.....	55

1 INTRODUÇÃO

Guanambi é uma cidade localizada na região sudoeste do estado da Bahia, no Brasil. Fundada em 1929, a cidade tem uma população estimada de cerca de 85 mil habitantes e uma área territorial de aproximadamente 1.500 km². Com isso a cidade é considerada um centro Sub-Regional, conforme a pesquisa de Regiões de Influências das cidades (REGIC, 2022).

A urbanização crescente e desordenada das cidades tem resultado na degradação de áreas urbanas, que muitas vezes se tornam locais de exclusão social e marginalização.

A requalificação dessas áreas se apresenta como uma solução para a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos, além de contribuir para a valorização dos imóveis, aumento da segurança e preservação do meio ambiente. Contudo, para que a requalificação seja efetiva, é necessário que ela seja pensada de forma integrada, considerando diversos aspectos como sociais, econômicos, culturais e ambientais.

Residir próximo à área contribuiu amplamente para a escolha do tema, por conhecer as necessidades e anseios da comunidade que ali vive. Optou-se por desenvolver o tema, predisposto ao desejo de contribuir para a conscientização profissional das responsabilidades socioambientais de projetos de intervenção urbana e contribuir com um ambiente que atenda às necessidades da comunidade.

A relevância do tema é evidenciada pelo fato de que a degradação de áreas verdes não é incomum na atualidade, afetando grandes e médias cidades. Esses locais são frequentemente substituídos por outros espaços, que oferecem opções mais atrativas de consumo e uso de capital. A arquitetura e o urbanismo produziram muito sobre intervenções urbanas que visam revitalizar e revalorizar essas áreas à medida que se tornam mais valiosas e competitivas. Com isso em mente, desenvolveu-se o conceito de redefinição, que envolve um conjunto de conceitos de medidas e ações que visam aplicar novos valores a locais específicas por meio de novas funções espaciais, econômicas e sociais.

O adensamento acelerado das cidades tem contribuído para a escassez de espaços livres que contribuem para a construção de áreas de lazer. A desvalorização do planejamento urbano impacta diretamente em dificuldades para se utilizar determinados espaços, o que acarreta na desvalorização dos mesmos e por consequência seu mau uso, abandono e marginalização (BEZERRA e CHAVES, 2014).

Nesses últimos anos, tem havido um fenômeno mundial de revalorização das áreas urbanas, levando em conta principalmente, o uso da água,

desenvolvimento sustentável, ocupação de áreas vazias, requalificação de espaços, otimização da mobilidade urbana destacando as potencialidades paisagísticas, logísticas e imobiliárias. (GROSSO, 2008, p. 22 apud BEZERRA e CHAVES, 2014, p. 3)

2 JUSTIFICATIVA

A requalificação da área da Lagoa de João Amaral na cidade de Guanambi, Bahia, é um tema de grande importância e relevância para a cidade e para seus habitantes. A Lagoa de João Amaral possuirá um importante espaço de lazer e convivência, que poderá ser utilizado pela população para diversas atividades recreativas, esportivas e culturais.

No entanto, apesar da importância desse espaço para a cidade, atualmente a área da lagoa apresenta diversas questões que precisam ser abordadas, como a falta de infraestrutura adequada, a falta de conservação e a poluição da água.

Dessa forma, a requalificação da área da Lagoa de João Amaral se torna essencial para a melhoria da qualidade de vida da população de Guanambi, proporcionando um espaço público mais acessível, seguro e agradável. Além disso, a requalificação pode incentivar o turismo na região, gerando empregos e movimentando a economia local.

Portanto, justifica-se a importância do tema "requalificação da área da Lagoa de João Amaral na cidade de Guanambi, Bahia", por ser uma questão fundamental para a melhoria da qualidade de vida dos moradores locais, para a preservação do meio ambiente e para o desenvolvimento turístico e econômico da região.

3 OBJETIVOS

O objetivo do tema "requalificação da área da Lagoa de João Amaral na cidade de Guanambi, Bahia" é promover a melhoria da qualidade de vida da população local e a preservação do meio ambiente, por meio da revitalização desse importante espaço público.

Dessa forma, os objetivos específicos da requalificação da área da lagoa podem ser:

- Melhorar a infraestrutura e acessibilidade da área da lagoa, tornando o espaço mais seguro e confortável para a população.
- Preservar o meio ambiente e a biodiversidade da região, por meio da limpeza e tratamento da água da lagoa, da implantação de áreas verdes e da promoção de práticas sustentáveis na região.
- Estimular o turismo na região, atraindo visitantes para a cidade e gerando empregos e renda para a população local.
- Incentivar a prática de atividades físicas e esportivas, por meio da criação de espaços adequados para essas atividades.
- Promover a inclusão social, tornando a área da lagoa acessível para todas as pessoas, incluindo aquelas com mobilidade reduzida.

Assim, o objetivo geral da requalificação da área da Lagoa de João Amaral é tornar esse espaço público mais atrativo, seguro e sustentável, visando proporcionar uma melhor qualidade de vida para a população de Guanambi e contribuir para o desenvolvimento da cidade.

4 METODOLOGIA

Alguns fatores que levaram à elaboração do projeto são:

1. Preocupação com a qualidade de vida da população: A requalificação da área pode ser vista como uma forma de melhorar a qualidade de vida dos moradores da região, oferecendo novas oportunidades de lazer, melhorando o acesso à natureza e promovendo o turismo na região.
2. Preservação do meio ambiente: A lagoa de João Amaral pode estar sofrendo com problemas ambientais, como o acúmulo de lixo e resíduos em suas margens. A requalificação da área pode ser vista como uma forma de preservar o meio ambiente e proteger a fauna e a flora local.
3. Desenvolvimento econômico: A requalificação da área também pode ser vista como uma forma de gerar desenvolvimento econômico para a cidade, atraindo turistas e criando novas oportunidades de emprego e negócios na região.
4. Valorização do patrimônio histórico e cultural: A lagoa de João Amaral pode ter valor histórico e cultural para a cidade de Guanambi e seus moradores. A requalificação da área pode ser vista como uma forma de valorizar esse patrimônio e promover a identidade local.
5. Participação cidadã: A criação de um projeto de requalificação da área pode ser uma iniciativa de participação cidadã, envolvendo moradores, associações locais, grupos de voluntários e outros atores sociais na busca por soluções para os problemas enfrentados na região.

5 REFERENCIAL TEÓRICO

A requalificação urbana é um processo complexo que envolve a transformação de áreas urbanas degradadas em espaços mais agradáveis, seguros e funcionais para a população. Esse processo pode envolver diversas intervenções, desde a revitalização de praças e parques até a reestruturação de bairros inteiros, e tem como objetivo principal melhorar a qualidade de vida da população e promover o desenvolvimento sustentável das cidades.

Ermínia Maricato é uma das principais pensadoras brasileiras sobre requalificação urbana e suas implicações sociais e ambientais. Segundo ela, a requalificação urbana deve ser vista como uma oportunidade para construir cidades mais justas e democráticas:

A requalificação urbana não pode ser vista apenas como uma oportunidade de melhorar o visual da cidade, mas sim como uma forma de criar espaços mais acessíveis, seguros e funcionais para todos os seus habitantes, independentemente de sua classe social. (MARICATO, 2007, p.)

Raquel Rolnik (2011), por sua vez, destaca a importância da participação da comunidade no processo de requalificação urbana, para garantir que as intervenções sejam realmente efetivas e atendam às necessidades dos moradores: “A participação da comunidade é fundamental para garantir que as intervenções de requalificação urbana sejam planejadas e implementadas de forma adequada, considerando as necessidades locais e as demandas da população” (ROLNIK, 2011, p.).

Jane Jacobs, uma das mais importantes pensadoras sobre urbanismo do século XX, enfatiza a importância da diversidade e da vitalidade social nas áreas urbanas, e argumenta que a requalificação deve ser feita de forma a preservar e valorizar a cultura e a identidade locais:

Uma cidade não é uma árvore, é um organismo vivo e complexo, composto por diferentes partes que interagem entre si de forma dinâmica. A requalificação urbana deve ser feita de forma a preservar e valorizar essa diversidade e essa vitalidade social, sem comprometer a identidade e a cultura locais. (JACOBS, 1961)

A requalificação urbana também pode contribuir para a promoção do desenvolvimento sustentável das cidades, por meio da implantação de projetos de revitalização ambiental e da promoção de práticas mais sustentáveis de mobilidade e ocupação do espaço urbano.

Essas intervenções podem contribuir para a redução da poluição ambiental e dos impactos das mudanças climáticas nas áreas urbanas, além de estimular a adoção de comportamentos mais sustentáveis por parte da população.

Em resumo, o referencial teórico sobre requalificação urbana destaca a importância da requalificação para melhorar a qualidade de vida da população e promover o desenvolvimento sustentável das cidades. Pensadoras como Ermínia Maricato, Raquel Rolnik e Jane Jacobs enfatizam a importância da participação da comunidade, da preservação da diversidade e da identidade locais, e da construção de cidades mais justas e democráticas.

5.1 PERSPECTIVA HISTÓRICA DOS PARQUES URBANOS

As cidades como estruturas e a urbanização como sistemas são processos que marcam a sociedade contemporânea. Porque o espaço passa a ser entendido como um edifício histórico, a cidade é entendida como produto de todo um processo, acumulando mudanças ao longo do tempo, ligadas por todas as relações estabelecidas em cada momento histórico. Portanto, os parques urbanos passaram por um processo evolutivo, um processo em que a estrutura urbana se modifica ao longo do tempo, refletindo os ideais urbanos de diversas épocas (SANA, 2017).

No final do século XVIII e início do século XIX, ocorreu a Revolução Industrial, que trouxe diversas mudanças para a cidade. A influência da indústria no tecido da cidade é muito grande, levando à explosão e expansão da cidade. Assim como na Revolução Industrial, o crescimento das cidades tornou-se cada vez mais importante, e houve algumas mudanças no modo de vida dentro delas. Após a Segunda Guerra Mundial, metrópoles pelo mundo, foram modificadas por um amplo aumento econômico. A ampliação e consumo mais abrangente a todos e a sentido racional-tecnista do modernismo norteavam as políticas urbanas equivocadas, presando por uma atualização sem superioridade da localidade existente (SANA, 2017).

Em uma situação cronologia mundial, as áreas verdes surgiram na antiguidade clássica, com o objetivo de um localista para ilustrado aos deuses e para questionar sobre política. Essas áreas foram evoluindo para os primeiros parques urbanos (Figura 1), no terminal do século XVIII, na Inglaterra e que atendiam as necessidades da aristocracia local, sendo, portanto, esses espaços restritos a alta classe da população (MACEDO e SAKATA, 2003).

Segundo Scalise (2002) a ampliação dos parques aconteceu no centenário seguinte, com relevo maior na reformulação de Haussmann em Paris e notadamente no Movimento dos Parques Americanos, liderado pelo arquiteto paisagista Frederick Law Olmstead, pois defendia o uso econômico dos espaços livres, com oportunidades de recreação e também de conservação

dos recursos naturais, protegendo os mananciais, controlando as enchentes, criando espaços agradáveis para sair e morar.

Por meio dos conceitos defendidos por Olmsted, superou-se o modelo de parques de bairros burgueses para espaços verdes destinados ao uso coletivo, um local de sociabilidade. Ainda no século XIX surgem os jardins contemplativos, os parques de paisagem, os parkways, os parques de adjacência americanos e os parques franceses formais e monumentais (SANA, 2017).

A necessidade dos parques urbanos surgiu na década de 1950, com a demanda de equipamentos de lazer para a população, a busca por ampliação urbana, o novo andamento de trabalho, além da importância em se criar espaços amenizadores do esqueleto urbano, suficiente adensadas, quanto função de “pulmões verdes”, criando um intervalo de atenção e descanso com atmosfera pura (SANA, 2017).

Figura 1: Bos Park, Amsterdam, Holanda, 1934.



Fonte: Pesquisa Google Imagens (2023).

Em 1970 e 1980 os parques ecológicos interagem com a arquitetura em parques olímpicos, com a reintegração de áreas degradadas, requalificação de áreas industriais e reatualização da cidade. Nesta mesma época, no Brasil, de acordo Sakata (2011), as demandas de projetos paisagísticos aumentaram expressivamente, tanto no ambiente público quanto no privado, com a melhoria da urbanização nacional.

Os parques formais surgiram nos anos de 1990, como exemplo, o Parque Citroën em Paris (Figura 2), que traz o retorno de características quanto a geometria e crescimento da ligação com a ecologia. No Brasil, mesmo ano, o paisagismo nacional era amplamente

desconhecido, com exceção das obras emblemáticas de Burle Marx, quanto os Jardins da Pampulha (Belo Horizonte, 1949), o Parque do Flamengo (Rio de Janeiro, 1961) e os jardins oficiais de Brasília (década de 1960). Em 1991 os projetos como a Ópera de Arame e o Jardim Botânico em Curitiba fizeram fama da cidade, quão “capital ecológica” no Brasil e foram incontáveis as ações paisagísticas feitas desde então (SANA, 2017).

Figura 2: Parque Parc Citroën, Paris, França, 1992.



Fonte: Pesquisa Google Imagens (2023).

Com o passar dos anos, os parques ganharam outras funções e características, quanto espaço de socialização e proteção de áreas naturais, transformando-se em pontos turísticos e de acesso público. O parque urbano, então, passa a ser um produto do novo modo de viver, atendendo as necessidades de socialização, lazer e tempo livre (Figura 3).

Figura 3: Hight Line, Nova Iorque, EUA, 2009.



Fonte: Pesquisa Google Imagens (2023).

Desse modo, ao perceber como se deu a evolução dos parques urbanos, pode-se compreender que os conceitos empregados nos planejamentos desses projetos são fruto de uma época. Com o intuito de compreender melhor estes conceitos, nas páginas que se seguem, serão apresentadas definições e características do paisagismo no planejamento arquitetônico dos parques urbanos.

5.2 DEGRADAÇÃO E REVITALIZAÇÃO

Atualmente tem-se visto a necessidade de revitalizar e conservar as bacias hidrográficas. A revitalização passou a ser assunto recorrente na mídia, sobretudo desde que essa se interpôs no caminho da transposição de águas do Rio São Francisco para o chamado Nordeste setentrional. Por certo, a palavra “revitalizar” não poderá significar a acepção literal “desenvolver a vida perdida”, já que isso é impossível. Mas, deverá estabelecer como meta recuperar a vitalidade e revigorar, dentro do possível, usando de todos os instrumentos disponíveis (ZELLHUBER e SIQUEIRA, 2016).

A relação dos rios com a cidade foi um fator determinante para assentamentos das cidades ao longo da história e de forte relevância para o desenvolvimento de centros urbanos, pois ter água disponível é primordial para o estabelecimento de povoados humanos: “com

isso, nota-se que os rios não são apenas fornecedores de água, mas sim um recurso fundamental que atua tanto para irrigação como também é um meio de comunicação e uma via de transporte para mercadorias” (COY, 2013 apud GOUVEIA; SELVA; CABRAL, 2019, s/p).

Figura 4: Espaço Público, Parque Tychy, Polônia.



Fonte: Archdaily Brasil (2016).

Os rios são locais caracterizados por conterem alta biodiversidade e produção biológica, e devido a isto, são responsáveis na manutenção dos ecossistemas ao nível das bacias em que se encontram. Porém, os usos e abusos humanos aumentaram e se diversificaram com o processo civilizatório. O crescimento populacional aumenta também a procura pelos benefícios que um sistema hídrico pode trazer, mas infelizmente também são usados para eliminação de seus rejeitos, resíduos industriais, de mineração e de esgotos.

O processo de urbanização e de ocupação irregular de áreas de mananciais de rios tem uma evolução relevante nos centros urbanos, onde origina alteração na dinâmica das populações que ali são integradas e também modifica o ciclo hidrológico de toda a bacia. Tais mudanças podem ser comprometedoras levando até a extinção destes ambientes (BASTOS e ABILHOA, 2004 apud GOUVEIA; SELVA; CABRAL, 2019, s/p).

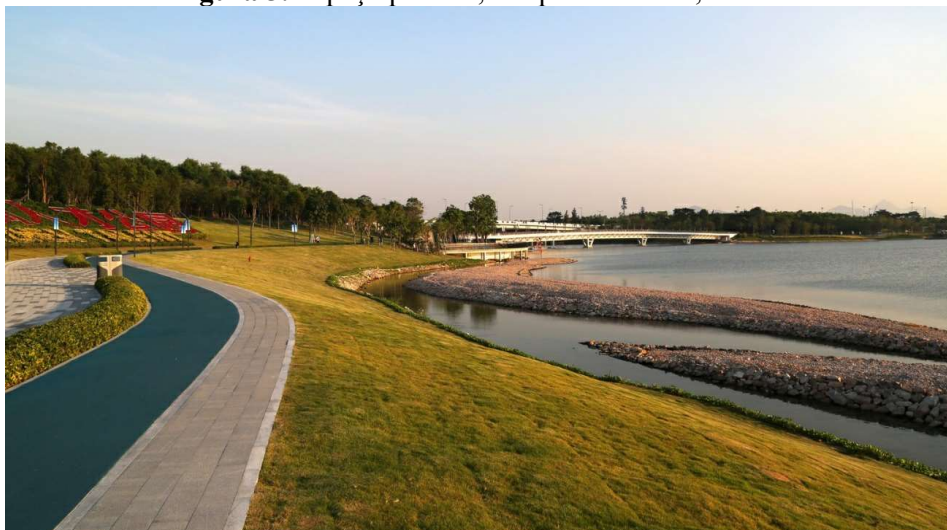
Os rios e os riachos urbanos são entendidos como essenciais para o sistema de drenagem das águas precipitadas, através da manutenção de suas margens, paredes e fundos em condições

naturais, pois estas permitem que haja infiltração, alimentando os aquíferos, diminuindo a velocidade e a quantidade do escoamento superficial (PREUSS, 2013 apud GOUVEIA; SELVA; CABRAL, 2019).

5.3 PARQUES, LAGOS E INCLUSÃO PAISAGÍSTICA

Os parques urbanos são áreas verdes que podem trazer qualidade de vida para a população, assim proporcionando melhor o contato com a natureza, sendo determinantes para a realização de atividades física e o lazer (Figura 5). Estas atividades trazem diferentes benefícios psicológicos, sociais e físicos na saúde dos indivíduos, como por exemplo, a redução do sedentarismo e amenizam o estresse do cotidiano urbano. Assim, o planejamento e conservação se revelam como estratégias para uma política efetiva do projeto urbano e da saúde pública.

Figura 5: Espaço público, Parque Shenzhen, China.



Fonte: Archdaily Brasil (2018).

Recentes transformações econômicas e culturais têm produzido alterações no modo de se tratar as questões do parque público nas cidades brasileiras. Por um lado, mudanças comportamentais têm revigorado o uso dos parques urbanos, por outro lado, novos papéis têm sido atribuídos aos parques pelos agentes envolvidos nos processos urbanos. Nesse sentido podem ser identificadas duas vertentes de ação influenciando o modo de se tratar a questão. A primeira refere-se ao uso dos parques nas estratégias de conservação ambiental, e na segunda, como elementos de dinamização da economia urbana (BARCELLOS, 2000).

Desde sua origem os parques tem assumido diferentes características físicas - espaciais, e adquirindo diferentes significados sociais (Figura 6). Após o seu aparecimento nas cidades, o parque tem passado por grandes transformações, tanto em seu significado social como em sua configuração físico - espacial. Durante todo o século 20, mais especialmente a partir das décadas de 60 e 70, as velocidades dessas transformações se aceleram, exigindo dos profissionais que atuam na paisagem a revisão dos pressupostos usados na definição do conceito de parque público. No contexto brasileiro, essa revisão reveste-se de importância, na medida em que predomina a tendência de reduzi-lo a uma imagem que em muitos casos está superada, situação em que dificulta a compreensão dos novos papéis que os parques estão assumindo nas cidades (FERREIRA, 2005).

O parque é conceituado como um espaço livre público destinado a lazer e recreação, embora outros importantes usos e finalidades possam estar a eles associados, como por exemplo, as de conservação ambiental. Tal conceituação parte do princípio de que, enquanto usos de lazer, nas suas variadas manifestações, são uma constante ao longo da história dos parques.

Figura 6: Parque Dubai, Emirados Árabes Unidos.



Fonte: Archdaily Brasil (2020a).

Nessa visão, os parques são entendidos exclusivamente como espaços livres de grandes dimensões em que predominam os elementos naturais, em cujo interior as massas edificadas da cidade apenas são percebidas de modo atenuado, num difuso plano de fundo.

Predomina entre nós a ideia do parque como o pulmão verde, ou fragmento da natureza, que se contrapõe a cidade e com a qual mantém poucas conexões, numa concepção que se aproxima daquelas dos movimentos higienistas do século passado que apoiavam a criação de parques nas cidades europeias, como meio de combater as mazelas urbanas provocadas pela revolução industrial (BARCELLOS, 1999).

Brejos e lagos urbanos são estruturas ambientais e paisagísticas que prestam múltiplos serviços para a paisagem onde estão inseridas. Podemos destacar seu papel para a manutenção da biodiversidade local, a possibilidade de oferta de áreas públicas de lazer para atividades esportivas, recreativas e educacionais, a possibilidade de atuação como bacias naturais de contenção de enchente, ou como reservatórios de água doce, e ainda a possibilidade de atuarem como um dos elementos naturais que podem contribuir para mitigar o clima urbano.

O interesse pela conservação urbana tende a aumentar enquanto a expansão das cidades avança sobre os sítios naturais, associado a conceitos e critérios da ecologia da paisagem às propostas urbanísticas, buscando conciliar a conservação e preservação de importantes ecossistemas naturais e a ocupação do território pelo processo de expansão urbana. Assim, os estudos sobre revitalização e inclusão paisagística e urbanística de águas urbanas, incluindo as lagoas, por exemplo, apontam algumas indicações essenciais para os projetos e o planejamento, entre as quais três tem um papel de destaque: a visibilidade, acesso público e conectividade

(BLOCH e COSTA, 2014). Essas premissas podem ser observadas na arquitetura do Parque Batou, na China (Figura 7).

Figura 7: Parque Baotou, China.



Fonte: Archdaily Brasil (2020b).

É importante frisar que estas ações projetuais e de planejamento devem ser baseadas a partir das bacias hidrográficas, considerando os sistemas socioambientais. A visibilidade é um fator fundamental para a preservação de corpos hídricos. Lagoas que não tem visibilidade pública são mais passíveis de serem poluídas, degradadas e aterradas do que aquelas que são visíveis e participam ativamente da paisagem urbana. Quando o desenho da cidade valoriza e integra as estruturas ambientais que compõem o sítio paisagístico no qual a cidade se insere, estas estruturas – tais como lagoas, rios e córregos, morros e montanhas, planícies, enseadas, entre tantos – contribuem para construção de uma identidade coletiva da cidade, por conseguinte a população local se engaja mais facilmente em sua defesa.

A visibilidade gera oportunidades de inclusão da outra premissa projetual: acesso público. Acesso público é também estratégico para preservação ambiental de lagoas urbanas, pois permite diversas possibilidades de usos e apropriações, o que pode contribuir para que os habitantes locais se tornem verdadeiros guardiões ambientais.

A possibilidade de observar o espelho d'água e circular pelo perímetro da lagoa, tocar na água, e utilizar o seu espelho d'água para diversas atividades, inclusive a de cruzar suas margens por botes, barcos, pedalinhos, entre outros, traz uma variedade de experiências da

paisagem urbana. Estas experiências têm muito a contribuir para qualidade de vida que a cidade oferece aos seus habitantes. A conectividade, no que lhe concerne, é uma premissa de grande importância sob o aspecto socioambiental. Sob o aspecto ambiental, o conceito de conectividade advindo da Ecologia da Paisagem diz respeito à capacidade de mobilidade dos elementos da natureza numa paisagem, em diversas escalas (HILTY, ANO apud SEOANE et al., 2010).

Considerando especificamente os sistemas de mobilidade urbana, os projetos urbano e paisagístico podem explorar diversos modos de integração das lagoas a partir do sistema viário e percursos de pedestres. Conceitos que embasam práticas relacionadas a infraestrutura no processo de se fazer a cidade que muitas vezes apresenta limitações em relação a uma abordagem multifuncional da paisagem urbana.

6 ESTUDO DA ÁREA

Antes de dar início ao projeto, é necessário analisar a localização do terreno a fim de evitar possíveis problemas futuros, e para definir a proposta, conceito e partido e diretrizes projetuais conforme as características do terreno e do seu entorno.

Sendo assim serão apresentados estudos do local, com a sua localização, os critérios para a escolha do terreno, o funcionamento do sistema viário, a infraestrutura e os fatores climáticos e ambientais.

6.1 SELEÇÃO DO TERRENO

Figura 8: Localização do terreno.



Fonte: Mapchart e Google Earth. Adaptado e recriado pelo autor (2023).

O terreno proposto localiza-se na cidade de Guanambi, interior do estado da Bahia, na região Nordeste do Brasil. Mais especificamente, Guanambi está situada na região Sudoeste do estado, a cerca de 750 km da capital Salvador. A cidade faz parte da Microrregião de Guanambi e possui uma área territorial de aproximadamente 1.768 km². Sua população, de acordo com estimativas do IBGE (2021), é de cerca de 85.000 habitantes.

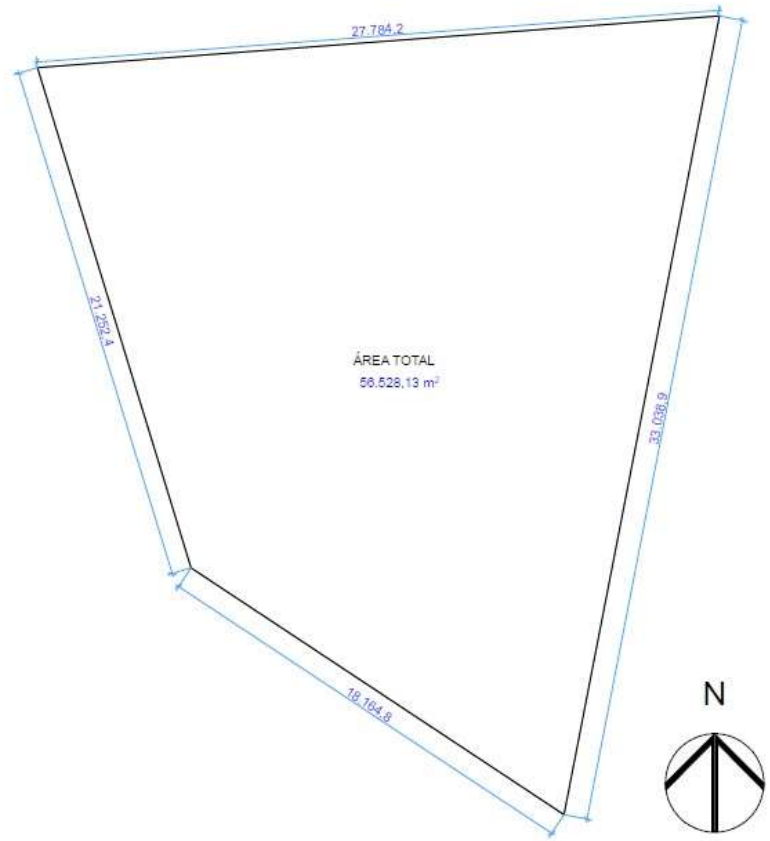
O terreno da lagoa está situado próximo ao centro da cidade, na Avenida Barão do Rio Branco, que conecta com Avenida Guanabara, em uma área que abrange cerca de 12.000 metros quadrados.

O primeiro fator analisado para a escolha do terreno é o fácil acesso, está localizado próximo à Avenida Guanabara e a Avenida Governador Nilo Coelho (BR-030). A BR-030 é uma das vias principais de da cidade. Essa localização permite o fácil acesso ao terreno.

Em resumo, a escolha da lagoa de João Amaral como terreno para um projeto de requalificação urbana pode ter sido motivada por uma série de fatores, incluindo o potencial turístico da região, os problemas ambientais e sociais que a área pode estar enfrentando, e a importância histórica e cultural da região para a cidade de Guanambi, Bahia.

6.2 ÁREA E DIMENSÕES DO TERRENO

Figura 9: Área e dimensão do terreno.



ÁREA DA LAGOA JOÃO AMARAL
ESCALA: 1/2000

Fonte: Prefeitura Municipal de Guanambi (ano 2022); modificado pelo autor (2023).

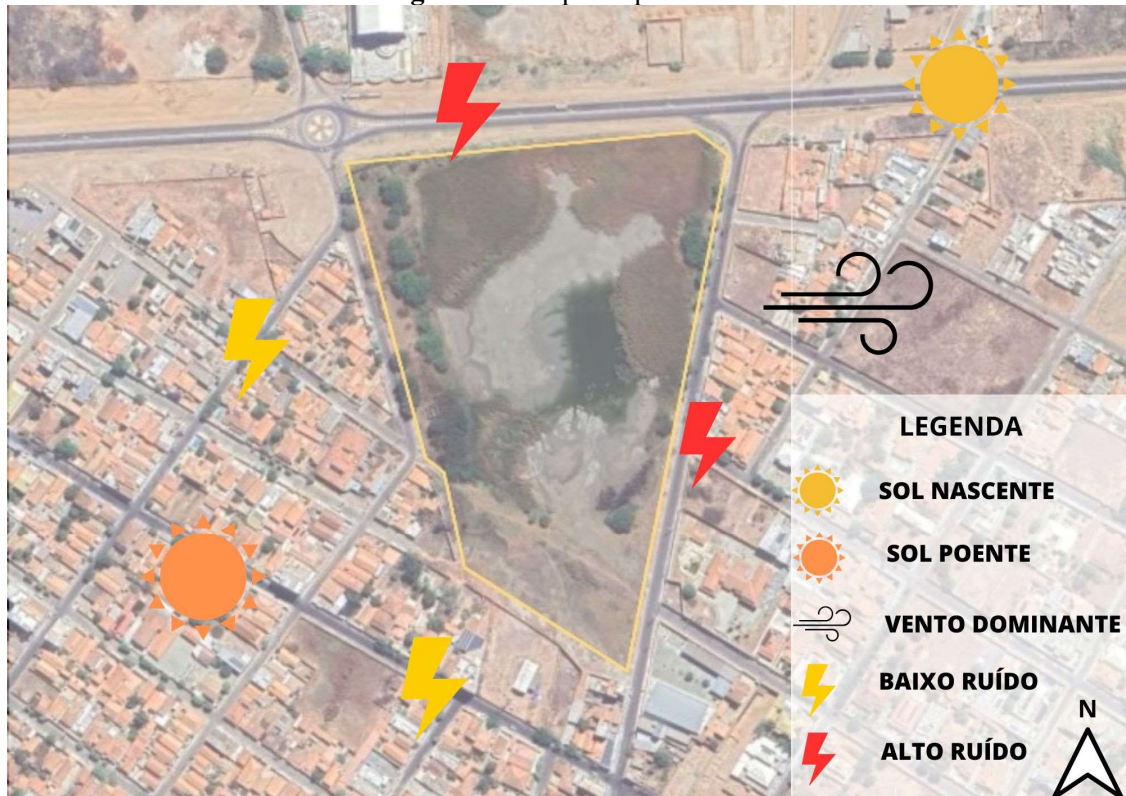
O terreno pertence como área de preservação ambiental, e possui uma área total de 56.528,13 m².

6.4 MAPA ESQUEMÁTICO

Pode-se observar na Figura 11 que o vento predominante vem do lado leste para oeste, podendo variar de acordo com as condições climáticas.

Em relação ao ruído, o terreno sofre um maior ruído na Avenida Governador Nilo Coelho (BR-030).

Figura 11: Mapa Esquemático.



Fonte: Google Earth; modificado pelo autor (2023).

6.5 ENTORNO

No entorno do terreno não há equipamentos públicos próximos que atendem as pessoas que ali residem. O mais próximo do terreno tem o clube de campo e academia m7, que são locais particulares.

Vale lembrar que em frente à área da lagoa de João Amaral está localizado a igreja Cristã do Brasil que atualmente está em construção.

Figura 12: Entorno.



Fonte: Google Earth; modificado pelo autor (2023).

6.6 MOBILIÁRIOS URBANOS

Ao longo da área estudada, nas proximidades não se observou mobiliários urbanos tais como bancos, lixeiras coletivas, equipamentos de academia ao ar livre, itens essenciais para a população.

Figura 13: Mapa – Mobiliários urbanos.



LEGENDA



TERRENO



PRAÇA- EQUIPAMENTOS URBANOS

300 m



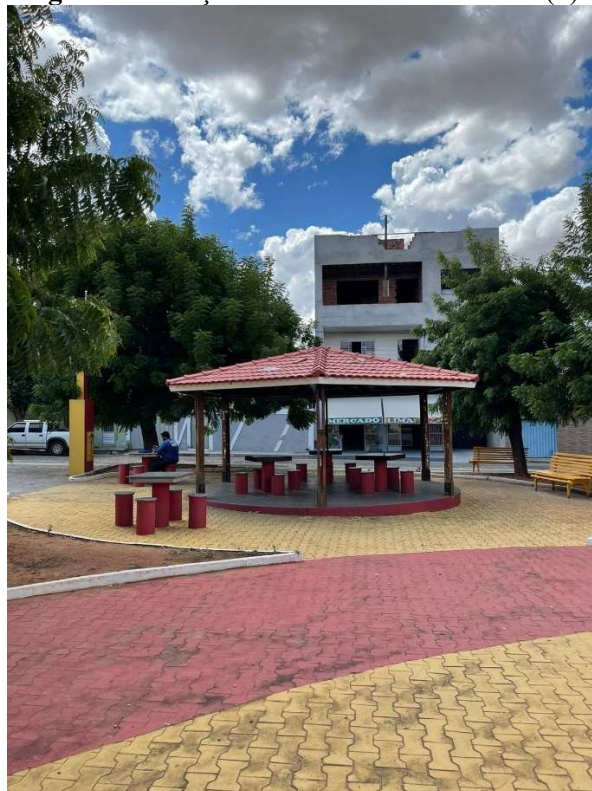
Fonte: Google Earth; modificado pelo autor (2023).

Figura 14: Praça Ormezinda Alves Silveira (1).



Fonte: Acervo do autor, 2023.

Figura 15: Praça Ormezinda Alves Silveira (2).



Fonte: Acervo do autor (2023).

Figura 16: Praça Ormezinda Alves Silveira (3).



Fonte: Acervo do autor (2023).

Figura 17: Praça Ormezinda Alves Silveira (4).



Fonte: Acervo do autor (2023).

6.7 VEGETAÇÃO EXISTENTE

Como mostra a Figura 18, o entorno é pouco arborizado, porém dentro do terreno tem bastante árvores.

Figura 18: Mapa – Vegetação existente.



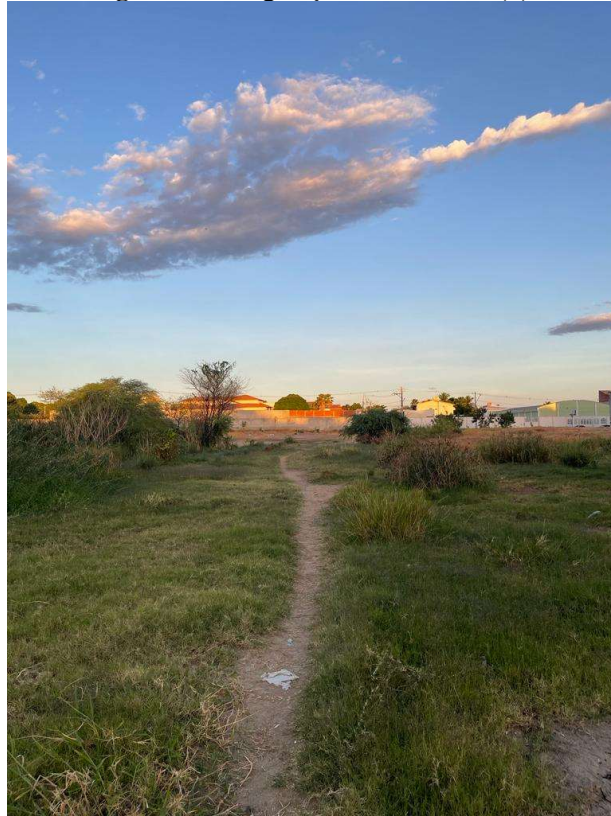
Fonte: Google Earth; modificado pelo autor (2023).

Figura 19: Vegetação – arredores (1).



Fonte: Acervo do autor (2023).

Figura 20: Vegetação – arredores (2).



Fonte: Acervo do autor (2023).

Figura 21: Vegetação – arredores (3).

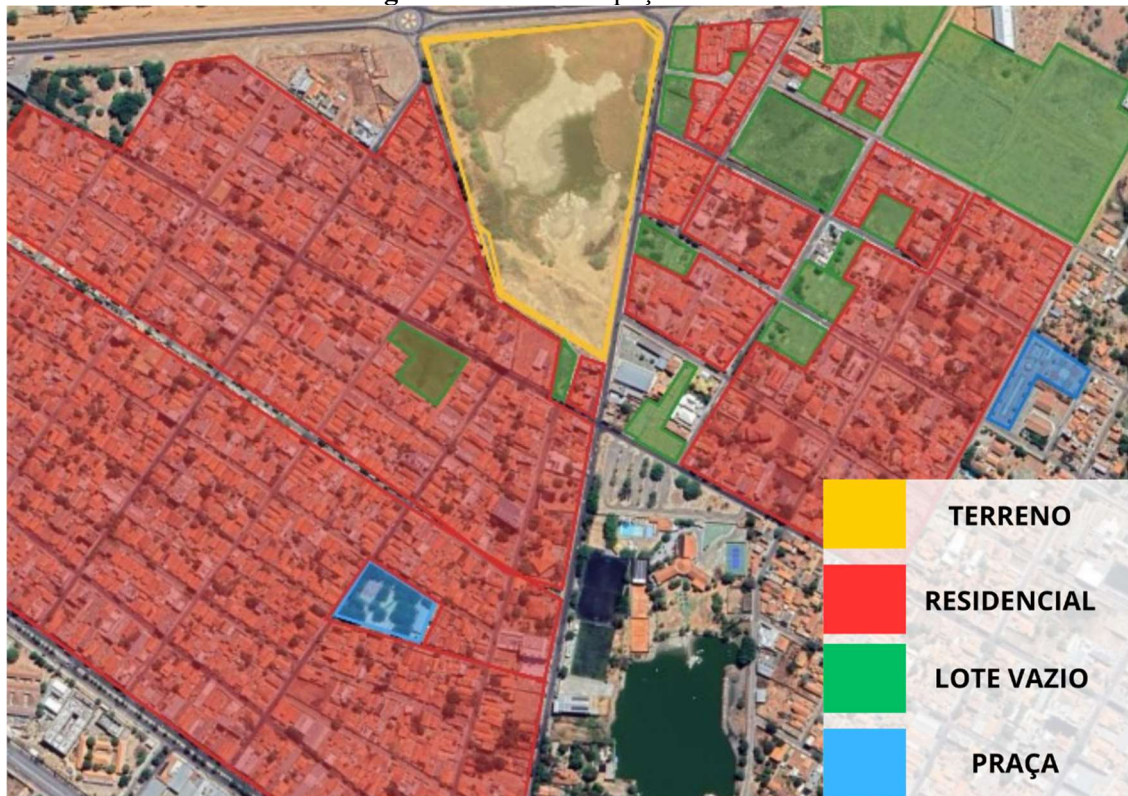


Fonte: Acervo do autor (2023).

6.8 USO E OCUPAÇÃO DO SOLO

Conforme a Figura 22, perceber-se como se dispõe o uso do entorno. Observou-se que na região grande parte são residências e terrenos vazios.

Figura 22: Uso e ocupação do solo.

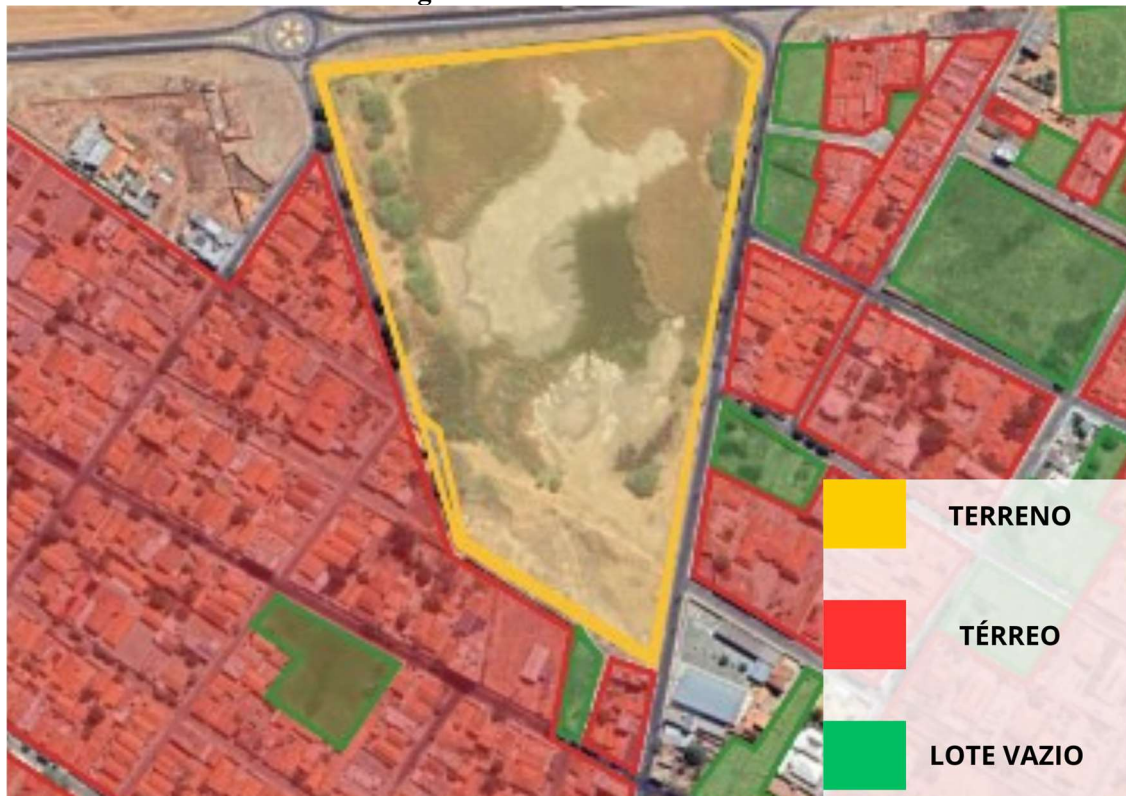


Fonte: Google Earth; modificado pelo autor (2023).

6.9 GABARITO DE ALTURA

De acordo com o levantamento de dados do local, os gabaritos que compõe o entrono é majoritariamente baixo. Nota-se uma maior predominância térrea de uso residencial.

Figura 23: Gabarito de altura.



Fonte: Google Earth; modificado pelo autor (2023).

6.10 SISTEMA VIÁRIO

Figura 24: Sistema viário.



Fonte: Google Earth; modificado pelo autor (2023).

Segundo análise, a Av. Gov. Nilo Coelho possui um tráfego maior devido ser uma rodovia (BR-030) que cruza a cidade, como foi citado, é uma das principais vias de entrada e saída da cidade. Avenida Guanabara que liga a (BR-030) possui bastante tráfego também.

6.11 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio das análises feitas, foi possível conhecer fatores de aspectos urbanos na região. Dentre esses aspectos pode-se destacar 3 principais pontos positivos do terreno.

1. **Localização:** A área da lagoa de João Amaral está localizada em uma posição estratégica da cidade, cercada por bairros residenciais, comércio e equipamentos públicos, o que torna a região facilmente acessível para a população local.

2. **Potencial turístico:** A lagoa de João Amaral pode se tornar um ponto turístico importante na cidade de Guanambi, Bahia, oferecendo atividades de lazer e recreação para moradores e visitantes, além de incentivar o turismo na região.
3. **Espaço para atividades ao ar livre:** A região em torno da lagoa de João Amaral oferece um espaço amplo e aberto para a realização de atividades físicas e recreativas, o que pode incentivar um estilo de vida mais saudável para a população local.

7 ESTUDO DE CASOS

7.1 LAGOA DE TABAPUÃ

Figura 25: Lagoa de Tabapuã.



Fonte: ArchDaily Brasil (2021a).

7.1.1 Ficha Técnica

Localização: Fortaleza

Arquiteto: Isabela Castro/ Francisco Macedo

Ano do Projeto: 2019

Área: 13709 m²

Estilo Arquitetônico: Monolítico

7.1.2 Conceito Utilizado

Foram estabelecidas duas premissas do projeto, durante o desenvolvimento do partido: a primeira, de proposição de usos diversificados ao longo dos espaços, a fim de atrair variados públicos, a segunda é a valorização do potencial paisagístico do recurso híbrido local. O projeto proporciona o uso de diversas estruturas, como: pista de skate, dois restaurantes, playground, espaços lúcidos com paginação de piso, arena de vôlei, academia ao ar livre e outros espaços. Os espaços contam ainda como mobiliário urbano disposto nas principais áreas de convivência, além de placas indicativas, com desenho gráfico elaborado especificamente para o contexto do projeto.

7.1.3 Relação da obra com seu entorno

O projeto de requalificação urbana da Lagoa do Tabapuã tem como objetivo principal estimular a aproximação entre a população local e o espaço público situado no entorno da lagoa. Foram estabelecidas duas premissas de projeto básicas, durante o desenvolvimento do partido: a primeira, de proposição de uso diversificados ao longo do espaço a fim de atrair públicos variados, e a segunda, de valorização do potencial paisagístico do recurso híbrido local.

7.1.4 Relação Volumétricas/ Materiais Utilizados e Soluções Arquitetônicas

A edificação proposta, correspondente aos dois restaurantes, guarda aspectos monolítico, devido tanto a características próprias (como simetria), quanto a cobertura única. A cobertura é projetada para que os recursos naturais de ventilação e iluminação possam ser explorados, garantida uma maior eficiência energética da edificação. A cobertura é elevada da estrutura com uma tesoura híbrida em maçaranduba e aço, atuando como elemento de ligação entre os dois blocos, mantendo o todo unido.

A fachada leste é composta por grandes extensões de painéis de alumínio e persianas de vidro que permitem a interação visual entre os usuários e a lagoa. A fachada oeste é composta por painéis de cobogós que garantem proteção solar sem comprometer a permeabilidade visual e ventilação cruzada. Um amplo corredor central é concebido entre dois blocos, ligando diretamente a praça e ao píer, que entra a uma determinada área da lagoa.

O píer, suportando por fundação de concreto, e revestimento em fulget é o elemento de transição de espaço requalificado e a lagoa, facilitando a interação dos usuários com os tipos de espaços. O guarda-corpo que margeia o píer é composto por esbeltas colunas feitas de chapas de aço galvanizado e cabos de aço tensionados. Foi concebido como uma estrutura de proteção minimalista para evitar a criação de uma barreira visual entre o público e a lagoa.

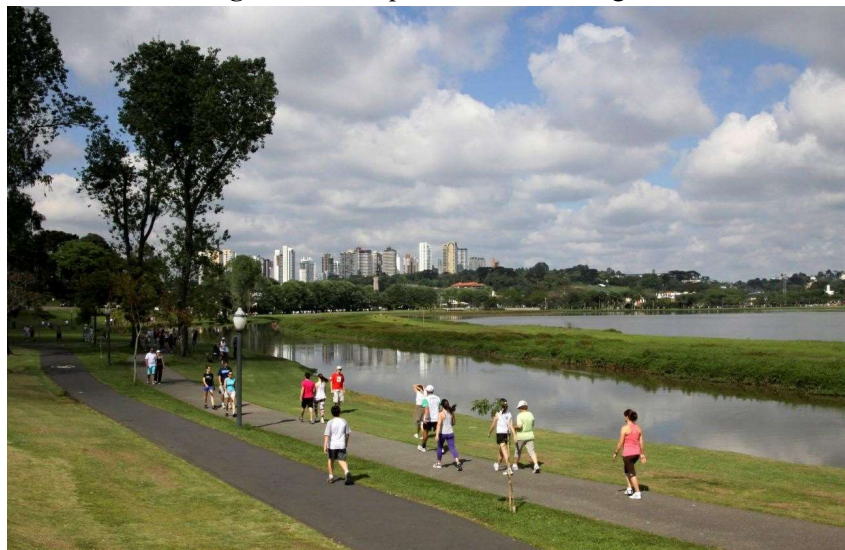
O fulget em quatro, e o piso intertravado, em duas tonalidades de cinza, foram os revestimentos específicos para quase toda a área de construção local. Assim a justaposição de cores diferentes dos dois revestimentos é utilizada tanto na criação de paginação de piso atrativas, que despertam o interesse, quanto na diferenciação entre os espaços funcionalmente distintos. Como ao paisagismo, destaca-se a manutenção das árvores frondosas já existentes no local.

7.1.5 Pontos de Inspiração

O projeto escolhido tem muita semelhança com o projeto proposto, de início pela proposta que tem como objetivo principal estimular as relações interpessoais na população que se situa próximo a lagoa. A presença de elementos diversificados ao longo do espaço - pista de skate, playground, arena de vôlei, academia ao ar livre e etc - visa atrair diferentes públicos.

7.2 PARQUE URBANO DE BARIGUI

Figura 26: Parque Urbano de Barigui.



Fonte: Curitiba (2023).

7.2.1 Ficha Técnica

Localização: Curitiba

Arquiteto: Lubomir Ficinsk

Ano do Projeto: 1972

Área: 1.400.000 m²

7.2.2 Estudo de Caso e Projeto de Referências

Os parques urbanos são importantes em todos os aspectos de uma cidade, pois são capazes de melhorar o clima e proporcionar qualidade de vida. Os benefícios ambientais são variados, como o bem-estar físico e mental, já que proporcionam contato com a natureza.

Assim, o planejamento correto e a conservação de parques públicos se revelam como para uma política efetiva do projeto urbano e da saúde pública.

7.2.3 Relação da obra com seu entorno

O parque Barigui; tem o nome de origem "Rio de Frutos do Espinho", que se refere aos frutos de araucária que ainda estão em ruínas. O parque em Curitiba - PR foi implantado na década de 70, localizado na região central da capital do estado do Paraná, atualmente o mais frequentado. O arquiteto e urbanista Lubomir Ficinski é o responsável pelo projeto do Parque e parceria com Roberto Burle Marx, que teve participação de alguns projetos de paisagismo. O parque está localizado nas proximidades Bigorrilho, Mercês, Santo Inácio e Cascatinha. Tem uma área de 1.400.000 m², vista como um território de urbanização de Curitiba de Jaime Lerner desde 1972.

7.2.4 Paisagem

No Parque Barigui, observa-se uma arborização densa ao redor, com pouca distribuição e diferenciação de espécies vegetativas, com sombreamento pontual em alguns âmbitos com uma ampla parte em exposição ao sol. Elementos como rios e córregos não apresentam o melhor cuidado, porém o lago principal tem um aspecto de integração em toda sua margem em ótimo estado, possibilitando um contato mais fácil com a água.

7.2.5 Mobilidade Urbana

O Parque Barigui conta com três entradas principais, com vias mais estreitas, em outros pontos com as vias mais largas; a pista de caminhada compartilhada, entre corrida, caminhada ciclistas, não é tão sinalizada em alguns pontos, outrora são sinalizadas com pinturas, porém estreitas (**Figura 21**). A acessibilidade se torna uma problemática quando se encontra as pontes (**Figura 23**). Foi localizado três entradas de carro para o local, onde ambos contam com um grande estacionamento dentro do parque, o estacionamento se localiza na saída do parque, tendo um acesso dificultado por uma avenida muito movimentada.

7.3 PARQUE URBANO DA ORLA DO GUAÍBA

Figura 27: Parque urbano da Orla do Guaíba.



Fonte: Archdaily Brasil (2021b).

7.3.1 Ficha Técnica

Localização: Porto Alegre

Arquiteto: Jaime Lerner – Arquitetos Associados

Ano do Projeto: 2018

Área: 567.000 m²

Estilo Arquitetônico: Contemporâneo

7.3.2 Conceito Arquitetônico

O Parque Urbano da Orla do Guaíba é um gesto importante da Prefeitura de Porto Alegre, devolvendo para a cidade e seus cidadãos o uso e apreciação de um de seus mais preciosos patrimônios naturais: a Orla do Guaíba. É uma intervenção de 56,7ha ao longo de 1,5km da margem do Lago Guaíba em Porto Alegre, a maior metrópole do sul do Brasil.

Sérios problemas relacionados à segurança, ao abandono e à degradação tornaram a área, originalmente parte do sistema de controle de cheias, um problema para a cidade. Com a implantação do parque, cria-se um ponto de encontro qualificado para seus 1,5 milhões de habitantes; 4,2 milhões em escala metropolitana.

É um projeto de regeneração urbana e ambiental que afeta positivamente a qualidade de vida dos porto-alegrenses, gerando efeitos sociais, econômicos e ambientais sistêmicos. Conectam-se as pessoas, a cultura, a história e a natureza em um círculo virtuoso de valorização. Adjacente à área central de Porto Alegre, o parque é muito bem conectado à malha urbana, sendo de fácil acesso aos pedestres e ciclistas, metrô, ônibus e automóveis em geral.

7.3.3 Relação da obra com seu entorno

Este é um projeto que integra elementos do ambiente natural e construído, permitindo que as pessoas se reúnam e usufruam deste novo espaço, equipados com bares, cafês, áreas esportivas, sanitários, entre outros. O que antes onerava o município se torna um ativo importante, um elemento de sustentabilidade, reduzindo custos e agregando valor.

As qualidades arquitetônicas do projeto estão relacionadas com a forma como se integra na paisagem, utilizando a topografia para acomodar a infraestrutura necessária e criar passeios de contemplação do cenário. O projeto paisagístico foi cuidadosamente pensado no aspecto ecológico, com o objetivo de reintroduzir espécies nativas no meio ambiente e promover sua regeneração. A vegetação nativa remanescente permanece respeitada pelos elementos construídos, implantados ao seu redor. Para cada setor foram selecionadas espécies específicas. De modo geral, o projeto funciona não apenas como um plano de regeneração, mas como um ambiente aberto, vivo e permanente de educação ambiental.

7.3.4 Análise dos Fluxos, Análise da Setorização – Programa de Necessidades

O fluxo constante de pessoas no parque vai transbordar para o centro da cidade, aumentando o público para estas atrações, assim como injetando um novo ânimo para a economia local.

Além disso, o parque tem grande impacto positivo no tecido social da cidade. Ao recuperar uma área degradada, aumenta o senso de pertencimento da população e demonstra o cuidado da cidade por seu patrimônio e seus habitantes.

Através da arquitetura, paisagismo e luminotécnica, em conjunção com uma vasta gama de atividades, o Parque Urbano da Orla do Guaíba mostra como a simbiose entre os ambientes construído e natural é possível, criando-se em Porto Alegre um lugar vibrante e sustentável.

7.3.5 Relação Volumétricas, Materiais Utilizados e Soluções Arquitetônicas

Os materiais são concretos, vidro, madeira e aço em seus acabamentos naturais, garantindo leveza ao conjunto. As formas curvas tiram partido da plasticidade do concreto e o desenho se relaciona ao movimento das águas, desenvolvendo-se gentilmente ao longo do terreno.

A dimensão cênica do estuário será revalorizada pela implantação de arquibancadas que correm ao longo de todo o parque, oferecendo os melhores assentos para se apreciar o “pôr-do-sol mais bonito do mundo”.

Um elemento importante da solução é a luz. Durante o dia, a luz do sol e seus reflexos no Guaíba guiam o espetáculo; após o anoitecer, é a vez da arquitetura com seu projeto luminotécnico criar no calçadão o semblante de um céu estrelado.

7.3.6 Características Observadas

É um projeto de regeneração urbana e ambiental que afeta positivamente a qualidade de vida dos porto-alegrenses, gerando efeitos sociais, econômicos e ambientais sistêmicos. Conectam-se as pessoas, a cultura, a história e a natureza em um círculo virtuoso de valorização. Adjacente à área central de Porto Alegre, o parque é muito bem conectado à malha urbana, sendo de fácil acesso aos pedestres e ciclistas, metrô, ônibus e automóveis em geral.

Além disso, o parque tem grande impacto positivo no tecido social da cidade; ao recuperar uma área degradada, aumenta o senso de pertencimento da população e demonstra o cuidado da cidade por seu patrimônio e seus habitantes.

Através da arquitetura, paisagismo e luminotécnica, em conjunção com uma vasta gama de atividades, o Parque Urbano da Orla do Guaíba mostra como a simbiose entre os ambientes construído e natural é possível, criando-se em Porto Alegre um lugar vibrante e sustentável.

8 ESTUDOS INICIAIS

8.1 CONCEITO E PARTIDO DO PROJETO

O conceito da área da Lagoa de João Amaral na cidade de Guanambi- Bahia é a preservação e valorização do patrimônio natural, promovendo a integração entre a cidade e a natureza, por meio de um espaço público que possibilite o contato com o meio ambiente, o lazer e o turismo sustentável.

O partido arquitetônico a ser adotado deve levar em conta a topografia local, a vegetação e a hidrografia, buscando a harmonia entre a intervenção humana e o ambiente natural. Dessa forma, algumas diretrizes podem ser adotadas:

- Criação de uma área de acesso com estacionamento para veículos, bicicletas e pedestres;
- Implantação de um parque linear que acompanhe o contorno da lagoa, promovendo a integração entre as diferentes áreas do espaço;
- Construção de quiosques, restaurantes e áreas para piquenique, com design integrado à paisagem local;
- Instalação de equipamentos de lazer, como playgrounds, aparelhos de ginástica e quadras poliesportivas, que dialoguem com a natureza;
- Construção de uma ciclovia e trilhas para caminhada e corrida;
- Implantação de áreas de preservação ambiental, com sinalização educativa sobre a fauna e flora local;
- Criação de uma área com espaços de lazer integrados à paisagem.

O partido arquitetônico deve priorizar a utilização de materiais e técnicas construtivas que sejam ecologicamente corretas, como madeira de reflorestamento, telhados verdes, sistemas de captação de água da chuva e energia solar. Além disso, o projeto deve prever a implantação de sistemas de tratamento de esgoto e coleta seletiva de resíduos sólidos, buscando minimizar os impactos ambientais gerados pelo uso da área.

8.2 PROGRAMA DE NECESSIDADES

O programa de necessidades para a área da lagoa de João Amaral na cidade de Guanambi- Bahia deve levar em conta a conservação ambiental, a preservação da fauna e flora local, a segurança dos frequentadores e a promoção de atividades de lazer e turismo sustentável.

8.2.1 Conservação ambiental

- Limpeza e desassoreamento da lagoa;
- Controle da poluição por meio do tratamento adequado de esgoto e resíduos sólidos;
- Preservação e plantio de espécies nativas da região.
- Preservação da fauna e flora local:
- Proteção das espécies de animais e plantas nativas da região;
- Criação de áreas de proteção ambiental;
- Proibição da pesca e caça predatória;
- Instalação de placas educativas para conscientização da população sobre a importância da preservação da fauna e flora local.

8.2.2 Segurança dos frequentadores

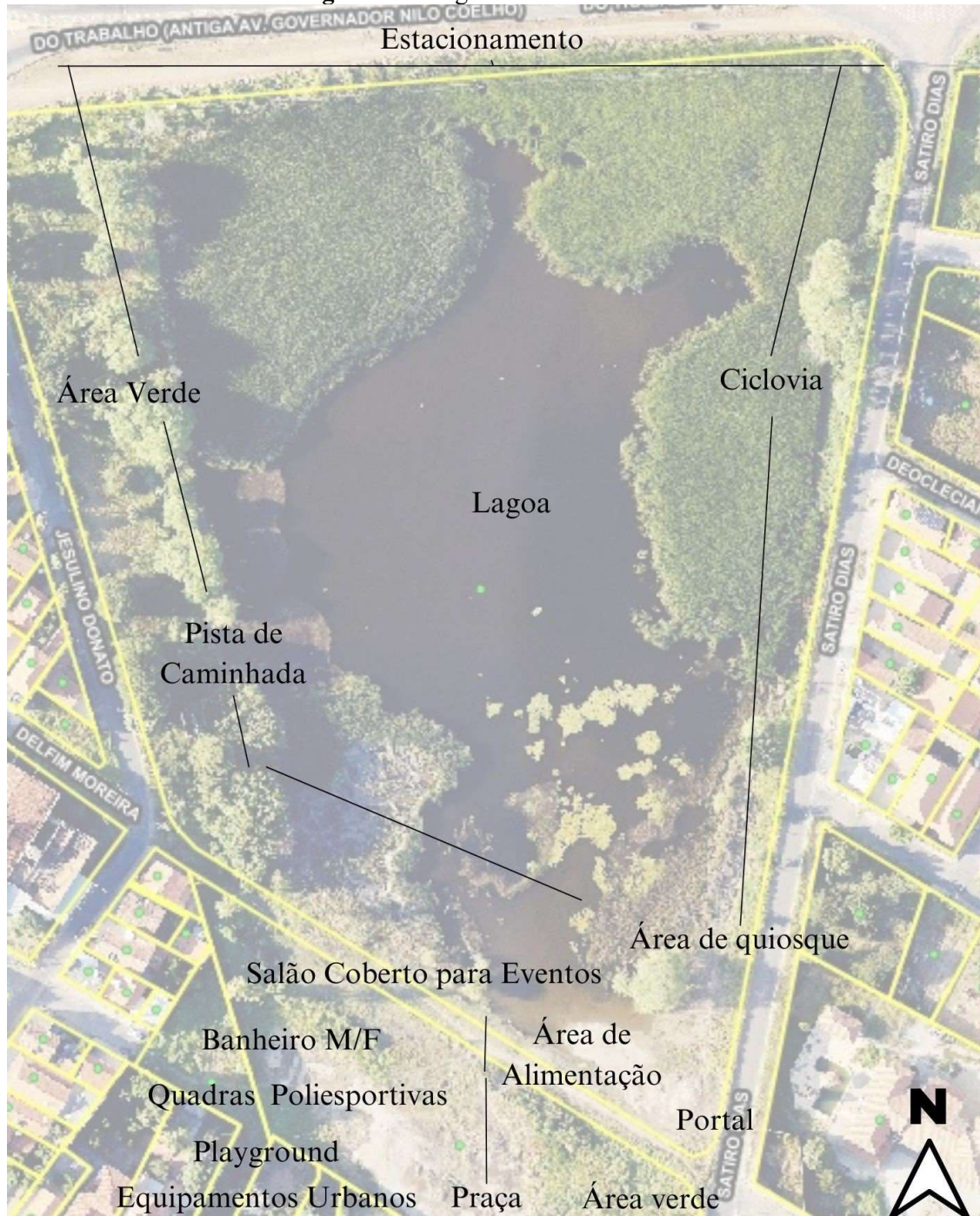
- Instalação de iluminação adequada para garantir a segurança durante a noite;
- Colocação de placas de sinalização para alertar sobre os perigos da lagoa;
- Disponibilização de salva-vidas e equipamentos de primeiros socorros.

8.2.3 Promoção de atividades de lazer e turismo sustentável

- Criação de áreas para piquenique;
- Construção de ciclovia e trilhas para caminhada e corrida;
- Instalação de quiosques e restaurantes com produtos locais;
- Promoção de atividades de educação ambiental, como visitas guiadas e exposições sobre a fauna e flora local.

É importante lembrar que todas essas ações devem ser realizadas em consonância com as leis ambientais e em diálogo com as comunidades locais, visando a valorização da cultura e tradições da região

Figura 28: Programa de necessidades.



Fonte: Elaboração própria (2023).

Quadro 1: Área de Alimentação (serviço).

AMBIENTE	QUANTIDADE	ÁREA (m ²)
COZINHA	1	49,54 m ²
RESTAURANTE	1	75,56 m ²
DESPENSA	1	16,25 m ²
LAVAGEM	1	8,10 m ²
WC. MASCULINO	2	17,74 m ²
WC.FEMININO	2	17,74 m ²

Fonte: Elaboração própria (2023).

Quadro 2: Área de alimentação (uso misto).

AMBIENTE	QUANTIDADE	ÁREA (m ²)
ÁREA ABERTA PARA EVENTOS	1	694,83 m ²
ÁREA COBERTA RESTAURANTE	1	281,57 m ²
BICICLETÁRIO	1	173,27 m ²
QUADRA DE FUTSAL	1	407,37 m ²
QUADRA DE VOLEI	1	485,63 m ²
QUADRA DE TÊNIS	1	331,94 m ²
PLAYGROUND	1	690,02 m ²
ÁREA DE QUIOSQUE	1	1.512,58 m ²
CICLOVIAS	1	3.594,26 m ²
PISTA DE CAMINHADA	1	3.409,78 m ²
ESTACIONAMENTO	1	1.581,24 m ²

Fonte: Elaboração própria (2023).

8.5 ESTUDOS PERCEPTIVOS INICIAIS

O estudo perceptivo iniciais, representado pelo croqui (Figura 29), visa compreender como as pessoas percebem e interagem com o ambiente ao redor da lagoa.

Esses estudos envolvem a análise de aspectos como as características visuais e sonoras, bem como as percepções e expectativas do usuário em relação aos espaços de lazer e recreação.

Além disso, os estudos perceptivos também podem contribuir para o desenvolvimento de estratégias de gestão e uso sustentável da área, que valorizem as características locais e promovam o bem-estar da população.

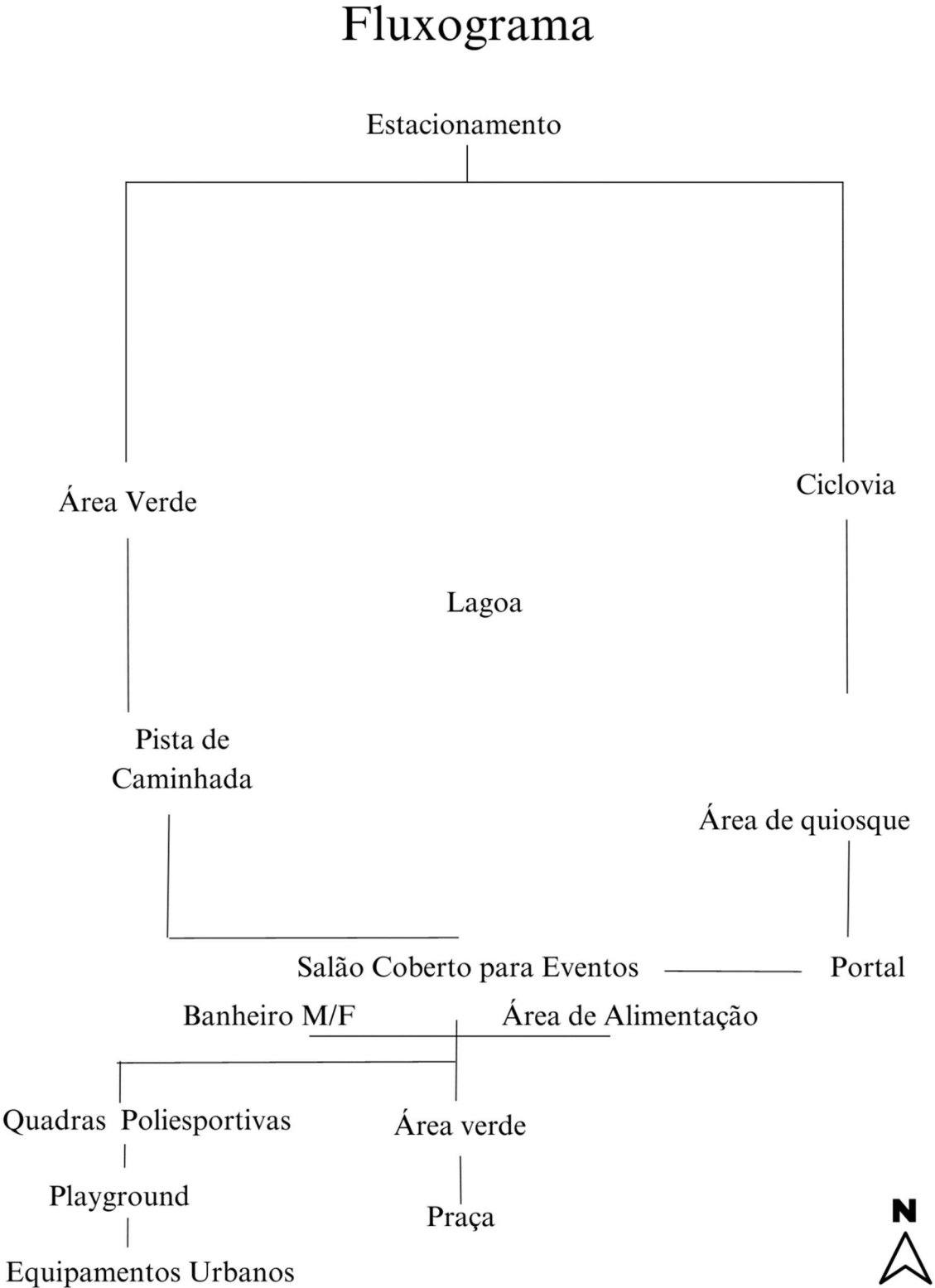
Figura 29: Croqui.



Fonte: Elaboração própria (2023).

8.6 FLUXOGRAMA

Figura 30: Fluxograma.



Fonte: Elaboração própria (2023).

8.7 ESTUDOS INICIAIS DE VOLUMETRIA E MASSA

Ao desenvolver o projeto, foi definida a criação por setores, a ideia inicial é construir espaços diferentes.

8.8 VOLUMETRIA E MATERIALIDADE

9 SISTEMA CONSTRUTIVOS

9.1 MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

- Equipamentos de lazer como: bancos, mesa e playgrounds, são feitos de materiais duráveis como madeira tratada, concreto e aço galvanizado.
- Trilhas pavimentadas: pisos intertravado.
- Iluminação: luminárias de metal e a lâmpada em LED.
- Estacionamento e ciclovias: asfalto.
- Coleta seletiva: plástico resistente com placas de sinalização para orientar os visitantes sobre o sistema de coleta.

9.2 QUADRO DE ÁREAS

Quadro 3: Quadro de áreas.

ATIVIDADE	ÁREA RECOMENDADA POR PESSOA	CAPACIDADE MAXIMA
Caminhada	3 m ²	200 pessoas
Ciclismo	6 m ²	100 pessoas
Área de piquenique (para grupos)	2,5 m ² por pessoa	50 pessoas
Área de alimentação (para grupos)	2,5 m ² por pessoa	50 pessoas
Playground	4 m ² por criança	20 crianças
Área de eventos	10 m ² por pessoa	500 pessoas
Quadra de esportes (futsal, vôlei)	40 m ² por pessoa	12 Jogadores

Fonte: Elaboração própria (2023).

9.3 PAISAGISMO

Palmeiras: coqueiro, palmeira- real, palmeira imperial;

Árvores Nativas: ipê, aroeira, sibipiruna, oiti, cássia do nordeste.



Figura 31: Projeto- Visão aérea.



Fonte: Elaboração própria (2023).

Figura 32: Projeto- Paisagismo (1).



Fonte: Elaboração própria (2023).

Figura 33: Projeto- Paisagismo (2).



Fonte: Elaboração própria (2023).

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir o projeto de revitalização da área da lagoa de João Amaral na cidade de Guanambi-Bahia, pode-se afirmar que se trata de uma proposta que busca atender a demandas importantes da comunidade local, como o acesso a espaços de lazer e convivência em um ambiente natural e preservado.

A partir do estudo realizado, foi possível verificar que a intervenção proposta é viável, pois considerou aspectos importantes como a preservação da fauna e da flora local, o aproveitamento de materiais e recursos disponíveis na região, a utilização de técnicas construtivas sustentáveis e a inclusão de elementos que promovem a acessibilidade universal.

Além disso, o projeto também busca valorizar a cultura local, ao incluir referências à arquitetura e ao paisagismo típicos da região. A proposta de um sistema construtivo modular para as estruturas de apoio e a seleção de espécies de plantas nativas são exemplos de como o projeto buscou valorizar e preservar a identidade cultural e ambiental da região.

Dessa forma, pode-se afirmar que o projeto de revitalização da área da lagoa de João Amaral é uma proposta relevante e atual para a promoção da qualidade de vida e do bem-estar da comunidade local, com a inclusão de espaços de convivência, lazer e contemplação em um ambiente natural e preservado. Acredita-se que a execução deste projeto poderá contribuir para a transformação positiva da cidade de Guanambi-Bahia, oferecendo à população um novo espaço público de grande importância para o convívio social e o contato com a natureza.

REFERÊNCIAS

ARCHDAILY BRASIL. Reurbanização da orla do lago Paprocany / RS+" [Paprocany Lake Shore Redevelopment / RS + Robert Skitek] 04 Set. 2016. **ArchDaily Brasil**. 2016.

Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/794563/reurbanizacao-da-orla-do-lago-paprocany-rs-plus>> ISSN 0719-8906. Acesso em: 12 jun, 2023.

ARCHDAILY BRASIL. Parque Shenzhen Talent / AUBE" [Shenzhen Talent Park / AUBE] 16 Fev. 2018. **ArchDaily Brasil**. 2018. Disponível em:

<<https://www.archdaily.com.br/br/888829/parque-shenzhen-talent-aube>> ISSN 0719-8906. Acesso em: 12 jun. 2023.

ARCHDAILY BRASIL. Parque na Orla Jaddaf / waiwai" [Jaddaf Waterfront Park / waiwai] 27 Jun. 2020. **ArchDaily Brasil**. 2020a. Disponível em:

<<https://www.archdaily.com.br/br/942405/parque-na-orla-jaddaf-waiwai>> ISSN 0719-8906. Acesso em: 12 jun. 2023.

ARCHDAILY BRASIL. Parque Central Baotou Vanke / ZAP Associates LLC" [Baotou Vanke Central Park / ZAP Associates LLC] 01 Mai. 2020. **ArchDaily Brasil**. 2020b. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/938254/parque-central-baotou-vanke-zap-associates-llc>> ISSN 0719-8906. Acesso em: 12 jun. 2023.

ARCHDAILY BRASIL. Requalificação Urbana da Lagoa do Tabapuá / CERTARE Engenharia e Consultoria" 22 Jan 2021. **ArchDaily Brasil**. 2021a. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/955351/requalificacao-urbana-da-lagoa-do-tabapua-certare-engenharia-e-consultoria>> ISSN 0719-8906. Acesso em: 12 jun. 2023.

ARCHDAILY BRASIL. Parque Urbano da Orla do Guaíba / Jaime Lerner Arquitetos Associados" 19 Mar. 2021. **ArchDaily Brasil**. 2021b. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/907892/parque-urbano-da-orla-do-guaiba-jaime-lerner-arquitetos-associados>> ISSN 0719-8906. Acesso em: 12 jun. 2023.

BARCELLOS, Vincente Quintela. Os Parques: Velhas Idéias e Novas Experiências. **Paisagem e Ambiente**, [S. l.], n. 13, p. 49-71, 2000. DOI: 10.11606/issn.2359-5361.v0i13p49-71. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/paam/article/view/134113>. Acesso em: 20 mai. 2023.

BEZERRA, Ana Maria Marques; CHAVES, Cesar Roberto Castro. Revitalização urbana: entendendo o processo de requalificação da paisagem. **REVISTA DO CEDS – Periódico do Centro de Estudos em Desenvolvimento Sustentável da UNDB**, n. 1. ago./dez., 2014. Disponível em: <<http://www.undb.edu.br/ceds/revistadoceds>>. 2023.

BLOCH, Alberto Kerdman; COSTA, Lucia Maria Sá Antunes. Armação de Búzios e seu sistema lagunar: estratégias para revitalização e inclusão paisagística. In: III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. **Anais [...]** Arquitetura, cidade e projeto: uma construção coletiva São Paulo, 2014. Disponível em: https://www.anparq.org.br/dvd-enanparq-3/htm/Artigos/ST/ST-EPC-010%204%20-%20Bloch_Costa.pdf. Acesso em: 10 jun. 2023.

CURITIBA [município]. Parque Barigui de Curitiba. **Secretaria Municipal do Meio Ambiente**. Secretarias. 2023. Disponível em: <https://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/parque-barigui-de-curitiba/292>. Acesso em: 12 jun. 2023.

GOUVEIA, Renata Laranjeiras; SELVA, Vanice Santiago Fragoso; CABRAL, Jaime Joaquim Pereira da Silva. Educação ambiental para revitalização de rios em áreas urbanas. **Educação Ambiental em Ação**, n. 68, jun. 2019. Disponível em: <https://revistaea.org/artigo.php?idartigo=3741>. Acesso em: 20 mai. 2023.

MACEDO, Silvio Soares; SAKATA, Francine Gramacho. **Parques Urbanos no Brasil: Brazilian Urban Parks**. São Paulo: Edu sp. 2003.

SAKATA, Francine Gramacho. **Paisagismo Urbano: requalificação e criação de imagens**. São Paulo: Edu sp. 2011.

SANA, Naiara Martins. **Requalificação do Parque Municipal Padre Vitor**. 66 f. 2017. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Centro Universitário do Sul de Minas, Varginha, Minas Gerais, 2017.

SCALISE, Walnyce. Parques Urbanos: evolução, projeto, funções e uso. **Revista Assentamentos Humanos**, Marília- SP, v. 4, n. 1, p. 17-24, out. 2002. Disponível em: <http://www.sciepub.com/reference/23274>. Acesso em: 25 mai. 2023.

ZELLHUBER, Andrea; SIQUEIRA, Ruben. Rio São Francisco em descaminho: degradação e revitalização. *Cadernos do CEAS: Revista crítica de humanidades*, n. 227, p. 3-24, 2016.